

Pai e a miséria psicológica da massa. Gozo e Shoá

*Marta Gerez Ambertin**

RESUMO

Discute-se as condições de prostração das subjetividades e das massas diante do líder (mestre atroz), enquanto os humanos incorporam a lei que se inscreve na subjetividade sob a figura da culpa e os restos desreguladores da lei sob a instância medrosa do superego; Assim, a obrigação legislada transforma-se numa compulsão à repetição, conduzindo a vida pelos caminhos oblíquos da necessidade de punição e do gozo masoquista.

Palavras-Chave: MISÉRIA DAS MASSAS; CULPA; SACRIFÍCIO; SUPEREGO

Padre y miseria psicológica de la masa. Goce y Shoá

RESUMEN

Se argumenta sobre las condiciones de postración de las subjetividades y las masas ante el líder (amo atroz) en tanto los humanos incorporan la ley que se inscribe en la subjetividad bajo la figura de la culpa y los restos desregulantes de la ley bajo la temible instancia del superyó; así, la legislada obligación torna en compulsión de repetición llevando la vida por los oblicuos caminos de la necesidad de castigo y del goce masoquista.

Palabras Clave: MISERIA DE LA MASA; CULPA; SACRIFICIO; SUPERYÓ

Père et misère psychologique des masses. Plaisir e Shoá

RÉSUMÉ

On discute des conditions de prosternation des subjectivités et des masses devant le leader (maître atroce) alors que les humains incorporent la loi qui est inscrite dans la subjectivité sous la figure de la culpabilité et les restes dérégulateurs de la loi sous l'instance effrayante du surmoi. Ainsi, l'obligation légale se transforme en une contrainte de répétition, menant la vie sur les chemins obliques du besoin de punition et de jouissance masochiste.

Mots-Clés: MISÈRE DES MASSES; CULPABILITÉ; SACRIFICE; SURMOI

Miséria das massas e saudade do pai

A infeliz história das massas, os diversos holocaustos dos séculos XX e XXI, e a terrível devastação do planeta – hoje quase irreparável – orquestrada por diferentes grupos humanos, levam à investigação do termo cunhado por Freud em 1929, ao final do Capítulo V de "O Mal-estar na Civilização": "a miséria psicológica da massa". Em "Psicologia das Massas" (1921) e posteriormente em "O Mal-estar na Civilização" (1929), Freud discutirá esta questão.

Por que as massas são miseráveis? Não apenas por se submeterem a um senhor terrível, mas pela maneira como o fazem, buscando sempre uma submissão sem limites.

* Dra. en Psicología. Univ. Nac. de Tucumán. Máster en Teoría Psicoanalítica. Ctro. de Investigaciones y Estudios Psicoanalíticos de México. Posdoctorada en Psicología Clínica -Mención Psicoanálisis-. Pontificia Univ. Católica de San Pablo (Brasil).

E-mail: martagerezambertin@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0006-4997-0798>

Freud afirma: "a massa quer sempre ser governada por um poder irrestrito, tem um desejo extremo por autoridade... sede de submissão" (Freud, 1921, p. 121). Ele retoma o assunto em 1932 em "Por Que a Guerra?", dizendo: "A massa quer ser sempre dominada por um Chefe... É parte da desigualdade inata e ineliminável entre os seres humanos que eles se dividam em líderes e súditos. Estes últimos, a imensa maioria, precisam de uma autoridade que tome decisões por eles, que muitas vezes obedecerão incondicionalmente" (Freud, 1933, pp. 195/6).

Por que essa sede de sofrimento? Por que as massas se prostram diante de um senhor terrível? Por que as ações da massa são tão nefastas? São consequências inevitáveis de sua miséria psicológica?

Um pensador do calibre de Foucault, crítico da psicanálise, expressa: "Acontece que as massas, no momento do fascismo, desejam que alguns exerçam o poder... desejam que esse poder seja exercido" e conclui, sem explicação: "Este jogo de desejo de poder e de interesse ainda é pouco conhecido" (Foucault, 1979, p. 85).

Deve-se perguntar: isso acontece apenas no momento do fascismo? Não é um desejo generalizado, contra o qual sempre devemos estar alertas e cautelosos? É importante que tenhamos cuidado com o anseio por submissão das massas, e também dos indivíduos.

À primeira vista, parece que ninguém desejaria ou aceitaria ser dominado pela força bruta e caprichosa. Essa suposição seria aceitável se ignorássemos que não apenas o desejo reside no ser humano, mas também o gozo – um além do princípio do prazer, sem limites – o qual é notável que Foucault não tenha considerado.

É importante, então, questionar essa busca por gozo, que procura o castigo, e investigar por que os humanos se submetem a ele, além de toda lógica racional que pareceria repudiá-lo.

Os líderes-senhores perceberam essa "precipitação para o terrível" das massas e têm-na utilizado amplamente; sem dúvida, suas teorias sobre isso são, no pior dos casos, interesseiras e, no melhor, ridículas.

Esses líderes exercem certa fascinação sobre as massas porque, enquanto o vínculo de autoridade responsabiliza, a submissão ao autoritarismo, por outro lado, desresponsabiliza. Existe uma relação gradiente entre a insegurança subjetiva e o autoritarismo. Quanto maior a insegurança subjetiva – seja por razões internas (timidez, medo, inferioridade, ansiedade, culpa etc.), seja por razões externas (crises socioeconômicas, pandemias, ameaça de guerra, catástrofes etc.) – maior tentação de se colocar nas mãos de alguém que se oferece como salvador ou guia.

Muitos indivíduos se colocam em situação de dominação ou submissão frente a outros devido a uma frágil subjetividade e tendem a concordar submissamente com os amos ou condutores porque precisam da aprovação destes como alívio para seus medos, suas angústias, suas culpas, que os impedem de manter uma posição de "responsabilidade" para com seus desejos e para com os desejos de seus semelhantes.

A originalidade das hipóteses freudianas não reside nessa verificação do anseio de sujeição a um líder, mas na relação que estabelecerá entre a compulsão de submissão da massa com a nostalgia do pai. Como afirma em *O Mal-estar na Cultura*: "o que havia começado em torno ao pai, consuma-se em torno à massa" (Freud, 1929, p. 128).

E assim, nessa aposta, a paradoxal solução para os problemas de um grupo, uma instituição ou uma nação, passa por depender de um líder considerado um 'iluminado', um ser 'especial', um 'salvador', porque esse condutor autoritário cria a falsa ilusão de segurança vinculadas ao pai real. "A ideia do líder aparentemente oferece a segurança e também a severidades associadas com o pai" (Edelman, 1991 p. 50).

Ao exposto até aqui deve-se agregar a "chave mestra" à qual todo líder autoritário recorreu e recorre: a construção do "inimigo". Pois não se trata exclusivamente de subjugar os próprios, mas – e será o mais importante já que permite disfarçar seu autoritarismo – de indicar-lhes onde (supostamente) reside o "mal" que deve ser extirpado. O mais atroz dos líderes que a humanidade conheceu dizia: "se o judeu não existisse, teria que ser inventado. Precisamos de um inimigo visível e não apenas de um inimigo invisível" (Rauschning, pp. 202/3). A Hitler, como a qualquer um de sua estirpe, era necessário definir os "inimigos" aos quais atribuir a causalidade de todos os males; assim, a "solução" para o Reich passaria, simplesmente, por "aniquilá-los". Mas, no caso de Hitler, destaca-se sua plena convicção nas estupidezes que dizia. Dois exemplos – muito conhecidos – disso: a) o uso de trens, necessários para abastecer a frente oriental onde se decidia o resultado da guerra, para continuar enviando judeus aos Lager; b) seu último apelo, ditado instantes antes de sua morte, aos alemães: "Acima de tudo, exijo dos líderes da nação e de seus continuadores a observância escrupulosa das leis raciais e lutar sem trégua contra o envenenador de todos os povos, o judaísmo internacional" (citado por Poliakov, p. 342).



O passado? De maneira alguma. Nosso terrível presente está repleto de líderes que atribuem aos imigrantes, aos políticos, aos sindicatos, aos terroristas etc., a explicação para os males sociais. O crescimento exponencial de partidos nazifascistas na "iluminada" Europa explica-se, principalmente, pelo problema migratório.

No entanto, e é preciso admiti-lo, as consignas podem ser obra do príncipe; mas o genocídio, a Shoá, não pode ser empreendido sem uma verdadeira adesão coletiva. Não devemos desculpar as massas que aceitaram e aceitam, e que exerceram e exercem o fascismo. A extrema-direita alemã já tem 20% dos votantes dizendo o mesmo que os hitleristas, simplesmente substituíram os judeus por muçulmanos e subsaarianos, embora provavelmente os judeus voltem a ser os favoritos.

O líder utiliza os conhecimentos conscientes e inconscientes que circulam pelos corredores claros e escuros de nossa cultura, não inventa esses saberes, aproveita-os, exacerba-os. Existe um "ambiente" de saberes e de verdades oblíquas que favorece a construção de um inimigo em vez de outro. Os códigos fundamentais de uma cultura – aqueles que regem sua linguagem, suas possíveis formas de significação, sua ética, a hierarquia de suas práticas sociais – estabelecem antecipadamente para cada homem os sistemas significativos com os quais terá algo a ver e nos quais se reconhecerá. E a primeira coisa que reconhecemos é o diferente, aquele que possui certas características físicas ou intelectuais que o diferenciam. As desigualdades são esquematizadas e lhes é imposta uma desqualificação moral que as piadas refletem perfeitamente. É desse magma de saberes – que se constituem como doxa – de onde serão extraídos os componentes com os quais os líderes "construirão" o inimigo. Uma vez que, por meio de propaganda e repetições – que exploram os medos e as inseguranças das massas – o inimigo tenha sido estabelecido na nação, trata-se de lançar-se contra ele; combate que, obviamente, será liderado pelo líder. A diferença (necessária) entre o que lidera e os subordinados é insinuada por Freud ao referir-se à representação original do pai: "(...) a representação de

uma personalidade muito poderosa e perigosa, perante a qual só se podia adotar uma atitude passiva-masquista e renunciar à própria vontade, e parecia uma empresa audaciosa estar sozinho com ela e 'sustentar seu olhar'" (Freud, 1921, p. 121).

A miséria psicológica da massa reside na busca de um pai-líder idealizado, na procura de um amparo por trás dessa figura do líder enaltecido e severo que vai evitar que eles enfrentem a responsabilidade de seus medos e seu destino, pois, infelizmente, é mais fácil – embora muito mais custoso – colocar-se nas mãos de um amo-líder do que assumir o próprio destino e encarregar-se dessa aposta.

Essa busca por autoridade e autoritarismo está relacionada, para Freud, com a culpa e o superego. Em *O Mal-estar na Cultura* (1929), ele relacionará esse medo da autoridade e, ao mesmo tempo, esse desejo por autoridade, com o sentimento de culpa. Ele estabelece ali duas origens do sentimento de culpa: uma é o medo da autoridade, a outra, o medo do superego. Enquanto o primeiro incita à renúncia pulsional, o segundo incita ao castigo, “uma vez que não se pode ocultar do superego a persistência dos desejos proibidos. Além disso, compreendemos o modo como se pode entender a severidade do superego; isto é, a reivindicação da consciência moral. Originalmente (...), a renúncia do pulsional é a consequência da angústia frente à autoridade externa, renuncia-se a satisfações para não perder seu amor” (Freud, 1929, p. 123).

O submetimento à vontade de um pai engrandecido e poderoso, de alguma forma, degrada o progresso da espiritualidade enquanto serve “aos secretos propósitos do castigo”, isto é, ao gozo masquista. Gozo que, muitas vezes, leva o indivíduo e os povos ao seu aniquilamento sob a horrível convicção de que assim o exige o pai em sua versão de senhor impiedoso.

Se o termo sujeito remete antiteticamente a estar submetido e ao mesmo tempo ser soberano, quando o sujeito renuncia ao desejo, só resta a ele sua prostração ou, como diz Freud – citando Gustave Le Bon –, sua “sede de submissão”.

Assim, o sujeito faz dois pagamentos à cultura: a culpa que cria o laço social e possibilita que esse laço se sustente como inscrição da lei (vinculado ao Ideal do Eu); e o fardo do superego que, como um gendarme interior, exerce uma vigilância implacável a partir do lugar mais íntimo da subjetividade, muito mais implacável do que a da autoridade externa. Por isso, a lei paradoxal do superego sempre será obscena e comandará em direção a um gozo e submissão sem limites.

Da exaltação do ideal do eu à aniquilação superegoica

Em "O Eu e o Id" – obra cujo centenário celebramos este ano e ainda temos dívidas com sua leitura – Freud trabalha a relação paradoxal entre o Ideal do Eu e o Superego. O livro deveria ter sido chamado "O Eu, o Id e o Superego", pois é ali que Freud define claramente o superego, mesmo que em 1914 – em "Introdução ao Narcisismo" – ele já esboce sua noção com o delírio de ser observado e a crítica consciente, e em 1921 – em "Psicologia das Massas" – ele exemplifique isso com a miséria das massas.

As massas não seriam tão miseráveis sem o imperativo do superego e, de fato, tampouco seriam os seres humanos. O superego proporciona demasiado gozo e incita à submissão ao pai real.

Freud desconfiava das convocações propostas pelo ideal do eu, seguramente porque tinha muito claro que a passagem da idealização à submissão aniquiladora, a qual comanda o superego, é sempre possível: o rosto amável e exaltante do ideal do eu pode transformar-se, inesperadamente, no do imperativo do superego que clama por crueldade.

Como se tivesse lido Freud – a quem nunca leu e teria querido matar –, Hitler diz a Rauschning (líder nazista de Danzig): "A crueldade impõe respeito. A crueldade e a brutalidade. O homem da rua só respeita a força e a bestialidade. As pessoas experimentam a necessidade de sentir medo; isso os alivia" (Rauschning, p. 82).

Mas Hitler não era um inovador, já que Maquiavel dava conta da paradoxa que reside no sujeito e escrevia: "Os homens ousam mais ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer, pois o afeto é mantido não mais que pelo vínculo da gratidão, que, devido à perversidade inata de nossa condição, qualquer oportunidade de interesse pessoal é capaz de romper, enquanto o medo à autoridade política é sempre mantido pelo medo ao castigo imediato, que nunca abandona os homens"; três séculos depois, Napoleão adicionava a essa afirmação: "É preciso que o príncipe os castigue continuamente" (Maquiavel, p. 178). Por que, para Maquiavel, era necessário que O Príncipe se fizesse temer? "Porque pode-se dizer isso da maioria dos homens: que são ingratos, volúveis, simuladores, covardes diante do perigo e ávidos por lucro" (Ib. p. 82); assim, se isso é o que são "os homens", a crueldade do líder-Príncipe se justifica plenamente.

Como é a passagem do Ideal que enaltece ao superego que submete? Como se opera essa transição da face idealizada e protetora do líder-senhor àquela diabólica e maligna que destrói? Se não podem ser obtidas as perfeições que o sublime condutor manda e ordena, ao menos é possível submeter-se e sacrificar-se a ele – maneira degradante de sustentá-lo e amá-lo.

A encarnação do Ideal oscila, vacila entre a exaltação e a opressão. Apesar da primazia simbólica do Ideal que promove a amabilidade das insígnias, a captura da imagem exaltante não deixa de coagir: "Assim você deve ser para tornar-se amável!", comando que, paradoxalmente, acaba oprimindo/dividindo o sujeito contra si mesmo. O que parecia exaltar narcisisticamente a subjetividade acaba por oprimi-la. O mesmo acontece com as massas em sua sede de submissão.

O programa da civilização que falsamente propõe felicidade e proteção, legisla para o conjunto que deseja "normalizar", e o faz antepondo a felicidade do sujeito à felicidade da massa – embora isso seja pura falação.

Fazer laço social, perseguir a felicidade cultural e pessoal é para o sujeito um tormento avassalador. Entre o desiderato cultural e a singularidade do desejo e do gozo, mais de uma libra de carne fica pelo caminho. Pode-se, então, falar de um superego cultural? Freud hesita. Será possível igualar a instância como posição estrutural do sujeito ao conjunto maior da sociedade? "Outro ponto de concordância é que o superego da cultura, em tudo como o do indivíduo, estabelece severas exigências ideais cujo descumprimento é punido por meio de uma 'angústia da consciência moral'" (Freud, 1929, p. 137). Do que se pode deduzir que, na realidade, isso que Freud chama de "superego da cultura" e que opera sobre a massa, está mais do lado das insígnias ideais, ou seja, do Ideal do Eu enquanto instância que impulsiona a partir de Eros convocando unidades cada vez maiores. E isso sem invalidar a ação corrosiva e dissociadora do superego em cada um dos membros da massa; dessa forma, "os preceitos" do superego na cultura, deveriam ser entendidos como derivados do Ideal da Cultura que reivindica a consecução de suas aspirações, embora deixe como saldo o efeito dissolvente do superego na singularidade do sujeito, no um por um de cada "ouriço-falante". O superego não faz massa, não faz conjunto, nem religião, nem laço social; sua incidência singular nos crimes das massas e os obstáculos da transferência assim o demonstram.

O mal-estar na cultura designa a Ética ("esfoladura de toda cultura") como empenho em um dever que impõe e exige demais do sujeito e sempre além de suas possibilidades: "[...] os apelos éticos do superego da cultura. [...] proclama um mandamento e não pergunta se poderão obedecê-lo" (Freud, 1929, p. 138).

Do ideal do Eu ao delírio de gozo: o holocausto

Impactante é o fechamento dos Seminários XI e XVII de Lacan. Ele diz no Sem. XI que as figuras do gozo assumem as formas do sacrifício no holocausto... "A oferta aos deuses obscuros de um objeto de sacrifício é algo a que poucos sujeitos podem não sucumbir; numa monstruosa captura" (Lacan, [1964]1977, pp. 277/78). Nem a ciência, nem a religião, nem a política escapam a este mandato, nem se questionam a respeito dele. Todos os seus "dizeres" se mantêm na indiferença, na ignorância ou no desvio do olhar deste delírio: a paixão pelo gozo sacrificial. Enquanto isso, o sacrifício que ignoram tenta com uma fascinação tenebrosa, com uma tenebrosa "sede de submissão" que hoje estamos vivendo e sobrevivendo todos nós.

O que é esse suplício sacrificial? o que leva os seres humanos à compulsão de repetição do holocausto, ou, para ser mais precisa, da Shoá, traduzida especificamente como extermínio? É a submissão a um imperativo de gozo, a um além do princípio do prazer que oprime.



Vocês sabem que o texto "Por que a guerra?" é a resposta de Freud a uma carta de Einstein que, no final da mesma, pergunta: É possível controlar a evolução mental do homem de forma a protegê-lo dessas psicoses promotoras de ódio e destrutividade? Precisamente, a resposta do texto freudiano será NÃO! Isso significa que não há salvação possível? Isso significa que, como espécie, estamos condenados à autodestruição? Não, ou... não sabemos. Tudo dependerá de quem vencerá a batalha entre os submetidos ao senhor terrível, os fascinados pelo líder que seguirão mesmo ao custo de suas vidas e aqueles de nós que estão cansados da guerra, da crueldade e da submissão, aqueles de nós que estão cansados e podem dizer NÃO!

Uma nova guerra, mais uma das que já estão sendo travadas no Oriente Médio e na Europa, surge no cenário do mundo globalizado de hoje – se algo se move no Polo Norte, repercute no Polo Sul. Se esta guerra explodir, será a última, e nem mesmo haverá a possibilidade dessa quarta guerra que Einstein dizia que seria lutada com paus e pedras porque teríamos retornado às cavernas; não restará nada.

O irmão mais velho da América do Sul, o Brasil, já faz parte desse grupo de países (os BRICS) que buscam uma ordem mundial sem senhores terríveis de imposições variadas. Nos BRICS, vive 40% da humanidade e, se adicionarmos os países que pediram associar-se, seremos mais. Sabemos também que, entre aqueles que estão em guerra, temos milhões de aliados. Isso é uma nova panaceia? outra ilusão? De forma alguma: é

simplesmente uma possibilidade de evitar, por ora, apenas por agora, a catástrofe atômica que está à espreita. O grande Primo Levi, sobrevivente de Auschwitz, nos oferece o lema para os pacifistas destes tempos: "restou-nos uma faculdade e devemos defendê-la com todo o nosso vigor porque é a última: a faculdade de negar nosso consentimento" (Levi, 1999, p. 43). Não demos nosso consentimento nem à destruição do planeta, nem à exploração, extermínio ou perseguição de seres humanos, nem às guerras que perseguem essas coisas. Arrisquemo-nos por um mundo que mereça ser vivido. Estaremos a tempo?

Referências

- Edelman, Murray. *La construcción del espectáculo político*. Bs. As.: Manantial, 1991.
- Foucault, Michel. *Los intelectuales y el poder*. En *Microfísica del poder*. Madrid: La Piqueta, 2ª ed. 1979.
- Freud, Sigmund. *Psicología de las masas ya análisis del yo* (1921). O. C. Vol. XVIII. Bs. As.: Amorrortu, 1979.
- Freud, Sigmund. *El malestar en la cultura* (1929). O. C. Vol. XXI. Bs. As.: Amorrortu, 1976.
- Freud, Sigmund. *¿Por qué la guerra?* (1933). O. C. Vol. XXII. Bs. As.: Amorrortu, 1979.
- Lacan, Jacques. *El Seminario. Libro XI. Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis* (1964). Barcelona: S. Barral, 1977.
- Levi, Primo. *Si esto es un hombre*. Barcelona: Muchnik Editores, 1999.
- Maquiavelo, Nicolás. *El Príncipe*. Bs. As.: Heliasta, 4ª ed. 1984.
- Poliakov, León. *Breviario del odio - Los judíos y el 3º Reich*. Bs. As: Stilcograf, 1954.
- Rauschning, Hermann. *Hitler me dijo*. Bs. As.: Hachette, 1940.

Citação/Citation: Ambertín, M. G. (2024). *Pai e a miséria psicológica da massa. Gozo e Shoá. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XVI, no. 1.)*, pp. 114-120.

Recebido em: 10/01/2024
Aprovado em: 02/03/2024